



**DEFICIENCIA FÍSICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
UM ESTUDO SOBRE PARALISIA CEREBRAL E AS
BARREIRAS EDUCACIONAIS DO PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

FERNANDA DA SILVA SANTOS

BARRETOS-SP

2014

FERNANDA DA SILVA SANTOS

**DEFICIENCIA FÍSICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES:
UM ESTUDO SOBRE PARALISIA CEREBRAL E AS
BARREIRAS EDUCACIONAIS DO PROFESSOR DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho Monográfico apresentado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Licenciatura em Educação Física a distância da Universidade de Brasília – FEF EAD/UNB.

Orientador(a): JANAINA ARAÚJO TEIXEIRA SANTOS

BARRETOS-SP

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

FERNANDA DA SILVA SANTOS

DEFICIENCIA FÍSICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO SOBRE PARALISIA CEREBRAL E AS BARREIRAS EDUCACIONAIS DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Trabalho Monográfico defendido e aprovado como requisito final para aprovação na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II e no Curso de Licenciatura em Educação Física a distância da Universidade de Brasília – FEF EAD/UNB.

Professor...

Professor...

Professor...

CONCEITO FINAL:

BARRETOS-SP

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as pessoas que em certo momento me ajudaram a seguir em frente na minha caminhada e concluir mais uma etapa da minha vida em especial à minha grande amiga Paula Tatiane e à amiga Maria Tereza por sempre me encorajar e me dar apoio quando precisava e de forma grandiosa dedico também este trabalho a minha mãe que amo Mirna que esteve ao meu lado durante todo o tempo me dando carinho e incentivo para que pudesse dar continuidade aos estudos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e perseverança para continuar e concluir mais uma fase da minha vida, a minha mãe Mirna que através da sua compreensão, amor e carinho pode me tranquilizar nas horas mais difíceis, dando conselhos para seguir em frente e enfrentar as dificuldades.

À todos os docentes que passaram durante a minha trajetória na Universidade possibilitando momentos inesquecíveis e de grande conhecimento para minha formação acadêmica, em especial aos professores Janaina e Robson que puderam me orientar e ajudar na construção deste trabalho.

À todos que fizeram com que esse sonho se tornasse realidade, principalmente à Universidade Federal de Brasília.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender

Paulo Freire

SUMÁRIO	
1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Objetivo geral.....	15
1.2 Objetivos específicos	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 Paralisia Cerebral.....	16
2.2 Crianças com Paralisia Cerebral e Escola: Adaptações de material pedagógico, curricular e espaço.....	19
2.3 Currículo e Formação profissional para professores e a inclusão.....	22
2.4 A articulação do trabalho pedagógico com as diretrizes de ensino.....	24
3. METODOLOGIA.....	29
3.1 Delineamento do Estudo.....	29
3.2 População de Estudo.....	29
3.3 Seleção da Amostra.....	30
3.4 Aspectos Éticos da Pesquisa.....	30
3.5 Instrumentos para coleta dos dados.....	31
3.6 Procedimentos de Estudo.....	31
3.7 Tratamento Estatístico.....	32
4. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS.....	33
4.1 Formação inicial e continuada.....	33
4.2 Problemas de Adequação Curricular e de Material.....	39
4.3 Acessibilidade.....	46
5. CONCLUSÕES.....	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
LISTA DE APÊNCICES.....	54
LISTA DE ANEXOS.....	61

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1-	Categorias encontradas após as entrevistas com os professores de Educação Física.....	48
-----------	---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

CEMEI – Centro de Educação Municipal de Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

P - Professor

RESUMO

O presente trabalho trata da formação inicial e continuada do professor de Educação Física em relação à temática deficiência e como o seu trabalho pedagógico está sendo realizado em duas escolas do Ensino Fundamental I e uma CEMEI – Centro de Educação Municipal de Educação Infantil com alunos com paralisia cerebral. A Lei de Diretrizes e Bases e a Declaração de Salamanca asseguram aos alunos com deficiência o direito de frequentar as salas de aula de ensino regular, bem como o respeito à diversidade e a equidade de ensino, porém, existem algumas controversas que foram encontradas através das entrevistas semiestruturadas com os professores de Educação Física que lecionam para alunos com paralisia cerebral. Através das respostas obtidas pelos docentes foram apontados critérios que subsidiaram entender as principais causas sobre a dificuldade em lidar com alunos de inclusão e assim verificar que a falta de conteúdos a respeito da Educação Física Adaptada na formação inicial e o incentivo da instituição escolar em oferecer uma formação continuada para o profissional a respeito da temática, pode contribuir para que a inclusão não aconteça de forma eficaz e coerente com aquilo que as Leis promulgam a respeito de alunos de inclusão, principalmente em relação às aulas de Educação Física que não apresentam conteúdos que contribuam para o trabalho pedagógico dos professores.

Palavras chaves: Paralisia Cerebral. Educação Física. Formação Continuada. Formação Inicial. Inclusão. Deficiente. Ensino. Trabalho pedagógico. Professor.

ABSTRACT

This work deals with the initial and ongoing training of physical education teacher in relation to the theme disabilities and how their pedagogical work is being carried out in two schools in the elementary school and a CEMEI - Municipal Education Center of Early Childhood Education with students with paralysis brain. The Law of Directives and Bases and the Salamanca Statement ensure students with disabilities the right to attend regular education classrooms, as well as respect for diversity and educational equity, however, there are some controversial that were found through the semi-structured interviews with the physical education teachers who teach students with cerebral palsy. Through the responses obtained by the teachers were appointed criteria that supported understand the main causes of the difficulty in dealing with include students and thus verify that the lack of content about the Adapted Physical Education in initial training and the encouragement of the school to offer a continuing education for professional about the subject, can contribute to the inclusion does not happen effectively and consistently with what the laws promulgated as to include students, particularly in relation to physical education classes that do not have content that contribute to the pedagogical work of teachers.

Keywords: Cerebral Palsy. Physical Education. Continuing Education. Initial Training. Inclusion. Deficient. Education. Pedagogical work. Teacher.

1. INTRODUÇÃO

A Lei de Diretrizes e Bases (1996) assegura que alunos com deficiência devem frequentar salas regulares de ensino, por sua vez as instituições devem garantir o acesso e a qualidade de ensino de acordo com as necessidades desses alunos, possibilitando-os desenvolvimento social, afetivo e cognitivo.

De acordo com a LDB as aulas de Educação Física também devem estar adaptadas a receber esses alunos, fazendo com que eles participem efetivamente das aulas visando o respeito à capacidade de cada um, bem como referente à diversidade. Pensando nessa perspectiva educacional que o presente trabalho investigou a relação existente entre a formação profissional e a atuação pedagógica com alunos com paralisia cerebral nas aulas de Educação Física, na qual a formação inicial e continuada tem um papel extremamente importante para contemplar o trabalho do professor com alunos com deficiência e assim através das dificuldades e experiências dos profissionais em lidar com alunos com paralisia cerebral entender o processo de inclusão nas aulas de Educação Física no Ensino Regular e como o trabalho pedagógico está sendo realizado perante o que condizem as Leis que garante a permanência desses alunos nas escolas. Essa realidade foi estudada a partir de profissionais que trabalham com alunos com paralisia cerebral e foram entrevistados com intuito de verificar a sua atuação, seu conhecimento a respeito da deficiência e como sua ação pedagógica está sendo realizada com esses alunos com ou sem o apoio e incentivo das instituições de ensino.

O trabalho do professor é primordial para que a inclusão aconteça de forma eficaz ele é basicamente a porta voz desse processo e através de suas ações pedagógicas que os alunos com deficiência verdadeiramente estão sendo incluídos no ambiente escolar, mas para isso é necessário que sua formação contribua para que ele esteja apto a recebê-los, por isso, é importante que o docente e também todo âmbito escolar esteja ciente que é necessário uma formação adequada para que ocorra um trabalho de qualidade.

A pratica pedagógica do professor de Educação Física deve ser realizada através de conteúdos que contemplem o seu trabalho com alunos com deficiência, por isso, o presente trabalho pretende esclarecer como esse trabalho está sendo realizado e como o professor de Educação Física está enfrentando as dificuldades

do dia a dia, bem como sobre sua formação inicial e continuada nesse processo que pode ter contribuído ou não para a sua prática dentro da escola.

A inclusão de alunos com paralisia cerebral é um trabalho que deve envolver todos aqueles que compõem a comunidade escolar, ou seja, é um trabalho contínuo e progressivo que muitas vezes necessita de materiais adaptados para atender os alunos, bem como de capacitação dos profissionais que irão trabalhar com esses alunos. Segundo Pedrinnelli (*apud* Barreto *et al*, 2002) participar de um processo inclusivo é estar predisposto a considerar e a respeitar as diferenças individuais, criando a possibilidade de aprender sobre si mesmo e sobre cada um dos outros em uma situação de diversidade de ideias, sentimentos e ações.

Para tanto é necessário que o professor conheça os alunos e com isso possa verificar qual o melhor caminho a seguir, por isso, a avaliação do aluno com deficiência ao chegar à instituição de ensino deve ser realizada antes de ser feito qualquer tipo de procedimento para que todos os profissionais que compõem a escola estejam cientes da capacidade de cada aluno e assim proporcionar um trabalho de qualidade podendo atender as necessidades de cada aluno. O trabalho interdisciplinar é extremamente importante, pois é através dele que os profissionais trocam experiências e vivências que tiveram com os alunos, podendo chegar à conclusão de um caminho certo a seguir.

A ausência da capacitação e formação continuada dos professores de Educação Física pode ser considerada um dos maiores problemas para que a inclusão dos alunos com deficiência não esteja sendo executada de acordo com a Lei, a formação de muitos profissionais trata o tema abordado de forma superficial e descontextualizado da realidade da escola, e assim a formação inicial não dá garantia para que esses profissionais recebam alunos com deficiência em suas aulas, sendo incapazes de desenvolver um trabalho que contribua para a formação do aluno, bem como a inclusão nas aulas de Educação Física com alunos que não apresentam deficiência.

A problemática da pesquisa se relaciona sobre o trabalho do professor de Educação Física com alunos com paralisia cerebral e como sua ação pedagógica pode contribuir ou não para sua inclusão, desenvolvimento e formação, pois através de observações no Estágio Supervisionado da Educação Infantil, percebi a insegurança do professor de Educação Física em lidar e administrar atividades que o aluno com paralisia cerebral pudesse ser realmente incluído em suas aulas, bem

como ter o contato com outros alunos que não são deficientes, e assim, por meio dessas observações que este trabalho será desenvolvido para analisar a formação e as dificuldades pedagógicas dos professores em incluir verdadeiramente alunos com paralisia cerebral nas aulas de Educação Física.

A metodologia adaptada realizada pelo professor de Educação Física pode contribuir de forma positiva para o desenvolvimento físico, acadêmico, emocional e social de alunos com deficiência, sendo de extrema importância para a inclusão dos alunos o contato com o outro e por meio dessa interação proporcionada pelo professor possibilita ampliar a relação de respeito à diversidade entre todos os alunos, contribuindo para formação e desenvolvimento dos alunos através da inclusão e não da exclusão. (BRACCIALLI, *et al*, 2004).

Dessa forma, é evidente que a interação com o outro contribui para a inclusão e a socialização de alunos com paralisia cerebral nas aulas de Educação Física, porém é necessário que o professor esteja preparado para receber esses alunos para que eles possam realmente ser incluídos nas atividades realizadas nas aulas, principalmente fazer com que os outros alunos respeitem a deficiência do aluno possibilitando uma melhor interação através da diversidade e do respeito ao próximo contribuindo para a formação física, motora e social do aluno.

1.1 Objetivo Geral

Investigar a relação existente entre a formação profissional e dificuldades pedagógicas frente à questão da paralisia cerebral nas aulas de Educação Física escolar.

1.2 Objetivos Específicos

Identificar as dificuldades pedagógicas dos profissionais de Educação Física em relação à questão da paralisia cerebral nas aulas.

Mostrar o conhecimento dos professores sobre a deficiência e a relação com sua formação inicial e continuada.

Verificar como está sendo realizada ação pedagógica dos professores de Educação Física para alunos com paralisia cerebral.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Paralisia Cerebral

A paralisia cerebral de acordo com Mancini, *et al* (2004), é um distúrbio da postura e do movimento, resultante de encefalopatia não progressiva nos períodos pré, peri ou pós- natal com localização única ou múltipla no cérebro imaturo. E assim dependendo da gravidade da lesão pode afetar o sistema neuromotor de várias formas, sendo necessária uma avaliação para verificar as sequelas causadas pela deficiência, para tanto é extremamente importante que a escola identifique o grau de comprometimento do aluno para facilitar o trabalho pedagógico.

De acordo com Leite e Prado (2004) a paralisia cerebral apresenta várias formas clinicas.

1. Hemiplegia: afeta principalmente o membro superior é a mais frequente e acompanha sinais de liberação tais como espasticidade, o membro superior assume atitude em semiflexão, o membro inferior hiperestendido e aduzido, e o pé em postura equinovara. É comum hipotrofia dos segmentos acometidos.
2. Hemiplegia bilateral: ocorrem lesões difusas bilateral no sistema piramidal dando além da grave tetraparesia espástica com intensas retrações em semiflexão, podendo ocorrer ainda microcefalia, deficiência mental e epilepsia.
3. Diplegia: é mais comum em prematuros, trata-se de um comprometimento dos membros inferiores, comumente evidenciando uma acentuada hipertonia dos adutores, que configura em alguns doentes o aspecto semiológico denominado síndrome de Little.
4. Discinesia: atualmente é a mais rara, pois se manifesta através de movimentos involuntários.
5. Ataxia: igualmente rara, inicialmente pode traduzir-se por hipotonia e aos poucos, verificam-se alterações do equilíbrio e menos comumente, da coordenação.

Conforme os mesmos autores a criança com paralisia cerebral exhibe os resultados complexos de uma lesão do cérebro ou de um erro do desenvolvimento cerebral. Assim, é primordial que a escola esteja pronta a atendê-los conforme sua

capacidade de realizar as atividades do cotidiano escolar, sendo importante a avaliação da gravidade da deficiência para orientar as estratégias de ensino dos docentes que devem efetuar um trabalho pedagógico eficaz para o desenvolvimento do aluno.

Segundo Rotta (2002), a paralisia cerebral pode ser detectada no período gestacional, bem como, apresentar outros fatores que levam o comprometimento cerebral no período pré, perinatal ou pós-natal, como a falta de oxigênio ou a isquemia que podem prejudicar o desenvolvimento neurológico e motor da criança.

Segundo o mesmo autor Rotta (2002),

A isquemia é a mais importante forma de privação de oxigênio. No período neonatal, ocorre a soma destas duas situações, hipoxemia e isquemia. A encefalopatia hipóxico-isquêmica se caracteriza, portanto, pelo conjunto hipoxemia e isquemia, que associadas a alterações metabólicas, principalmente do metabolismo da glicose, levam a alterações bioquímicas, biofísicas e fisiológicas, que se traduzem por manifestações secundárias ao comprometimento fisiológico ou estrutural. (Rotta, 2002).

As alterações causadas pela hipóxico-isquemia podem variar conforme a idade da criança, a natureza da lesão e com a forma de intervenção que conseqüentemente irá afetar alguma função seja ela fisiológica, neurológica ou motora na criança, porém a encefalopatia hipóxico-isquêmica pode ser considerada uma associação entre o período pré e perinatal, por isso, a prevenção dos fatores de risco que podem levar a asfixia fetal ou neonatal é de extrema importância para o prognóstico do comprometimento cerebral e assim prevenir algumas sequelas causadas na hora do parto. (ROTTA, 2002).

Quando é detectado que a criança apresenta algum risco devido à falta de oxigenação é primordial o diagnóstico do médico para verificar o grau de comprometimento das funções do recém-nascido, caso a criança tenha paralisia cerebral é necessário o trabalho conjunto entre profissionais que podem ajudar no desenvolvimento da criança, dentre eles o fonoaudiólogo, fisioterapeuta, psicólogo, pedagogo e pais, com intuito de atender as necessidades de cada criança proporcionando um melhor desenvolvimento psicomotor, afetivo e social.

De acordo com Rotta (2002), algumas causas no período gestacional ou pós-gestacional são determinantes para que a criança apresente paralisia cerebral, tais como:

1. Causas pré-natais

Diminuição da pressão parcial de oxigênio

Diminuição da concentração de hemoglobina

Diminuição da concentração placentária

Alterações da circulação materna

Tumores uterinos

Nó de cordão

Cordão curto

Malformação do cordão

Prolapso ou pinçamento de cordão

2. Causas perinatais

Que podem ser fatores maternos, tais como: idade da mãe, desproporção céfalo-pélvica, anomalias da placenta, anomalias do cordão, anomalias da contração uterina, narcose ou anestesia, ou fatores fetais, tais como: primogenidade, prematuridade, dismaturidade, malformações fetais ou macrosomia fetal.

3. Causas pós-natais

Anóxia anêmica

Anóxia por estase

Anóxia anoxêmica

Anóxia histotóxica

Esses fatores apresentados são considerados de risco para que a criança apresente sequelas que podem agravar o grau da deficiência, para tanto, é importantíssimo à prevenção para que possa amenizar esses agravantes, possibilitando uma melhor condição de vida para os recém-nascidos. Outro fator importante para evitar sequelas mais graves é o acompanhamento médico no período gestacional que pode detectar a presença de qualquer problema antes do parto e prevenir sequelas que podem ser revertidas ou até mesmo não agravar o grau de comprometimento da deficiência.

2.2 Crianças com Paralisia Cerebral e Escola: Adaptações de material pedagógico, curricular e espaço

O sistema educacional brasileiro através da Lei de Diretrizes e Bases (1996) proporcionou que alunos com necessidades especiais pudessem frequentar salas regulares de ensino, estando afirmada em seu artigo 58 que se entende por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. (BRASIL, 2010, p.43)

Diante dessa nova perspectiva que defende a inclusão de pessoas com deficiência nas salas regulares, a escola por sua vez tem o dever de dar acesso e atender as necessidades de cada aluno para que possa ajudar em seu desenvolvimento e possibilitar a formação integral do aluno de forma adequada respeitando suas limitações.

As pessoas com paralisia cerebral também frequentam a escola regular de acordo com a LDB (1996), porém é necessário que ela ofereça materiais pedagógicos adequados para atender as necessidades desses alunos.

De acordo com Melo e Martins (2007),

Para alguns alunos com paralisia cerebral, essa realidade pode não ser tão relevante para sua vida escolar, haja vista não necessitarem de tais recursos para desenvolver suas atividades escolares, fazendo uso dos mesmos materiais pedagógicos utilizados pelos demais alunos. (Melo e Martins, 2007).

Portanto, alguns alunos não necessitam de outros materiais para estar inclusos no sistema de ensino regular podendo desenvolver suas atividades junto aos outros alunos sem deficiência, mas se tratando de alunos com paralisia cerebral mais grave é importante que a escola ofereça materiais pedagógicos adequados para facilitar o aprendizado desses alunos. Conforme os autores, a escola na perspectiva inclusiva, precisa garantir os meios necessários para promover as necessidades educacionais do aluno com paralisia cerebral, uma vez que desses recursos também depende o desenvolvimento de suas potencialidades. (MELO e MARTINS, 2007).

Os alunos com paralisia cerebral também tem o direito de frequentarem as aulas de Educação Física, pois se trata de uma das disciplinas que pode auxiliar o

desenvolvimento motor, afetivo, cognitivo e social da criança através das atividades realizadas. O trabalho dos professores de Educação Física com alunos com deficiência se insere hoje num contexto mundial de conquistas legislativas que garantiram uma série de direitos às pessoas com deficiência. (MENDES e PÁDUA, 2010).

É evidente que o trabalho do professor quando é realizado adequadamente pode beneficiar os alunos com deficiência, bem como aqueles com paralisia cerebral garantindo aos mesmos o direito a inclusão e um ensino de qualidade, para tanto o professor deve estar apto a atender as necessidades de cada aluno. De acordo com a LDB (1996), os professores de Educação Física devem ter conhecimento necessário para incluir positivamente alunos com deficiência em suas aulas. (Barreto, *et al*, 2013). A capacitação e a adequação do trabalho pedagógico realizado junto a materiais adaptados são importantes para o trabalho docente, ou seja, a articulação entre os componentes curriculares da escola devem favorecer o aprendizado do aluno.

A Declaração de Salamanca (1994), afirma o compromisso de que as pessoas com deficiência devem fazer parte integrante do sistema educacional, visando pela melhoria de acesso para a maioria daqueles cujas necessidades especiais ainda se encontram desprovida. Pensando em atender e dar acessibilidade a Educação para pessoas com deficiência foi realizada a Assembléia na Espanha juntamente com a Conferência Mundial de Educação Especial, a fim de verificar a melhor forma de incluir os alunos com deficiência nas escolas regulares visando atender suas necessidades e contribuir para o seu desenvolvimento de forma integral e assim através da urgência de oferecer educação para crianças, jovens e adultos na escola de ensino regular foi dado inicio a Educação para Todos.

De acordo com segundo parágrafo sobre Estrutura de Ação em Educação Especial referente à Declaração de Salamanca (1994),

O direito de cada criança a educação é proclamado na Declaração Universal de Direitos Humanos e foi fortemente reconfirmado pela Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto estes possam ser realizados. Pais possuem o direito inerente de serem consultados sobre a forma de educação mais apropriada às

necessidades, circunstâncias e aspirações de suas crianças.
(SALAMANCA, 1994).

Dessa forma, com a declaração de Salamanca toda criança tem o direito a ter oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem e a escola regular deve atendê-las e proporcionar meios para o seu desenvolvimento abolindo a discriminação, pois todos nós possuímos características diferentes e devemos respeitar essa diversidade.

A inclusão de alunos com paralisia cerebral deve ultrapassar os muros da escola e que deve ser realizada por todos seus responsáveis para que ela aconteça de forma verdadeira, ou seja, a escola, a família, a comunidade e o próprio poder político que deve enxergá-los como seres sociais que merecem um espaço na sociedade em que vivem.

Para tanto é necessário pensar um pouco mais na formação do professor de Educação Física para que ele dê subsídios ao trabalho da inclusão. Conforme Cruz e Ferreira (2005), a questão da formação profissional ocupa posição de destaque em discussões acadêmicas, profissionais e políticas que se referem à inclusão escolar. Os mesmos autores ainda afirmam que os debates acadêmicos que dão suporte à Educação Física precisam ser aprimorados e estar mais próximos das questões vivenciadas do dia a dia da intervenção profissional. Portanto, se atingirá a inclusão de forma mais significativa se oferecerem aos docentes cursos, palestras em sua formação continuada ou inicial conteúdos que viabilizem seu trabalho com alunos com paralisia cerebral de maneira menos superficial e assim prepará-los para receber a inclusão.

Segundo Fonseca e Silva (2010), é preciso considerar que os percursos formativos dos professores estão em constante construção e são constituídas por diversas dimensões sejam pessoais, profissionais, acadêmicas, sociais, culturais e históricas. A escolha da formação inicial dos docentes é construída daquilo que ele considera importante para sua vida profissional futura, levando em consideração seus sonhos, intenções e valores através de trocas de experiências, porém infelizmente muitos professores não tiveram uma formação inicial adequada que dê suporte ao trabalho de inclusão e principalmente lidar com alunos deficientes em suas aulas de Educação Física dificultando o seu trabalho quando se depara com a situação.

2.3 Currículo e Formação profissional para professores e a inclusão

O Plano Nacional de Educação, Lei nº10.172/2001 estabelece objetivos e metas para que os sistemas de ensino favoreçam o atendimento às necessidades educacionais, no entanto, foi apontada uma perspectiva negativa em relação a matrículas para alunos com deficiência nas classes de ensino regular, à formação docente e à acessibilidade física, bem como ao atendimento especializado (Brasília, 2008).

A formação inicial de muitos professores de Educação Física está voltada a prática esportiva, valorizando somente os conteúdos procedimentais ou o como fazer através da repetição da técnica e pela busca de aprimorar os movimentos, esquecendo-se que é primordial nas aulas de Educação Física os alunos adquirirem conteúdos que valorizem aspectos conceituais e atitudinais para que eles possam não só aprender a prática, mas também aprender valores éticos e morais para que a inclusão seja um acontecimento normal em suas vidas e que eles possam enxergar a diversidade em sua volta e assim respeitá-la de acordo como ela merece.

De acordo com Mendes e Pádua (2010),

Partimos do pressuposto de que esse despreparo, ou “necessidade de capacitação”, termo bastante utilizado por profissionais da educação quando apresentam dificuldades em atuar com alunos com deficiência, poderia ser minimizado com investimentos nas formações iniciais e continuadas do professor. (Mendes e Pádua, 2010, p. 16).

E assim, quando esses professores recebem alunos com deficiência eles tem dificuldades em desenvolver atividades que os inclua em seus conteúdos, pois eles foram preparados para trabalhar com alunos que não possuem deficiência, portanto, a sua formação inicial e muito menos a formação continuada proporcionam a eles um aprendizado satisfatório e coerente com a realidade vivida na escola tratando o assunto de forma descontextualizada.

Para a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva para atuar na educação inclusiva o professor deve ter como base a sua formação inicial e continuada para o exercício da docência e conhecimentos específicos da área. A bagagem acadêmica é extremamente importante para o docente implantar projetos em parcerias com outras áreas e propor melhorias ao

sistema de ensino inclusivo, visando à acessibilidade e o respeito à diversidade, no entanto, existem professores que não se sentem seguros em relação ao conhecimento que lhes foram oferecidos para lidar com alunos deficientes nas salas regulares e assim formamos profissionais incapazes de oferecer um ensino de qualidade aos alunos (Brasília, 2008).

Em algumas universidades de Educação Física a disciplina inclusão de alunos deficientes é tratada de forma superficial e para que os profissionais pudessem realizar um trabalho adequado nas escolas de ensino regular, eles procuraram através da troca de experiência com outros profissionais ou conhecimentos adquiridos na própria prática dar subsídios na realização de atividades com alunos deficientes, porém, já se sabe que não se trata de uma opção e sim é obrigatória conter na grade curricular essa disciplina no intuito de oferecer conteúdos pertinentes que ajudem os universitários entender o assunto, ou seja, o currículo deve se adequar e assim possibilitar um apoio no trabalho realizado nas escolas ao receberem alunos com deficiência (Mendes e Pádua, 2010).

Conforme dito pelos mesmos autores,

Atualmente é uma determinação da própria Constituição Federal e da Leis de Diretrizes e Bases da Educação que os profissionais de licenciatura tenham em seu currículo disciplinas que discutam e abordem o tema “pessoas portadoras de necessidades especiais” ou “pessoas com deficiência”. (Mendes e Pádua, 2010, p.17).

A Educação Física ao ser inserida como disciplina no componente curricular também deve dar acesso a alunos com paralisia cerebral nas aulas adquiridas, podendo colaborar para o seu desenvolvimento motor, afetivo e cognitivo, porém, as atividades devem valorizar a participação de todos e respeitar as diferenças não só dos alunos com paralisia cerebral, devemos nos lembrar de que a inclusão é um processo contínuo e árduo, sendo necessário o trabalho interdisciplinar e cuidadoso, por meio de diálogos e que seja realizada de forma prazerosa tanto para o aluno como para o professor, e não sendo como uma transformação radical, brusca, pois pode interferir no rendimento escolar desses alunos.

O currículo educacional por sua vez deve organizar e viabilizar juntamente com o Projeto Político Pedagógico o acesso de alunos com deficiência no ensino regular propondo alternativas, métodos e recursos pedagógicos de forma flexível em

relação a novas propostas para atender as necessidades dos alunos e também do corpo docente.

De acordo com Brasil (2006).

Um currículo rígido, inflexível, certamente falhará em satisfazer as necessidades desses alunos, mas não há razão para que a habilidade e a flexibilidade dos professores e administradores educacionais não resultem em soluções satisfatórias para a maioria dos problemas escolares. (BRASIL, 2006).

O fracasso escolar a respeito da inclusão abrange vários aspectos que devem ser levados em consideração, os autores Melo e Finck (2012), considera que as questões relacionadas à educação têm sido discutidas por vários segmentos da sociedade, a qualidade do ensino é uma das principais, de forma geral é considerada de baixa qualidade, e ainda a escola não está cumprindo seu papel e deixa muito a desejar. Portanto a escola recebe os alunos devido à obrigatoriedade das Leis, mas por outro lado não está cumprindo o que de fato está contido em suas linhas como dar a esses alunos uma boa qualidade de ensino e além de profissionais capacitados para ajudar o processo de inclusão dos alunos.

2.4 A articulação do trabalho pedagógico com as diretrizes de ensino

A educação especial como modalidade de atendimento a crianças e jovens considerados com necessidades educativas especiais, surgiu nos anos setenta, Sanches (2007), com isso a educação era dividida entre educação especial e educação regular, guiada por professores especialistas para cada educação, mesmo com as propostas realizadas conforme o passar do tempo em países da Europa para melhorar as condições de ensino de pessoas deficientes, de acordo ainda com Sanches (2007)

Nunca conseguimos arranjar formas de descolar da perspectiva médica e pensar adequadamente nos alunos, não como “doentes” precisados de reabilitação, mas como alunos para quem tinham de ser criadas respostas educativas para as suas necessidades educativas. Fazer uma avaliação do aluno, por professores e/ou educadores, para compreender bem as aquisições que ele já fez, nas várias áreas de desenvolvimento (situação educativa actual) e

programar as etapas que se deveriam seguir foi tarefa de alguns, muito poucos, em termos operativos (SANCHES, 2007).

Dessa forma, não enxergamos o que realmente o aluno precisa para o seu desenvolvimento no ambiente escolar, mas ressaltamos a sua deficiência como enfermidade e até mesmo como a autora citou “doentes” que precisam de atendimento médico e não de atendimento especializado e educacional apropriado, por isso, o currículo deve estar adequado para atender as demandas necessárias e proporcionar um ensino de qualidade visando o respeito e a equidade de todos.

Com o Decreto de Salamanca (1994), a Educação Inclusiva passa a ser vista como aquela que rege as expectativas por uma educação para todos em escolas regulares, ou seja, mais justa que vise o respeito à diversidade e com isso foi necessário que as diretrizes juntamente com o currículo educacional se adequassem ao decreto que visa a Educação para Todos, tornando direito do aluno e dever da escola atendê-los e assim é eminentemente que as instituições estejam preparadas pedagogicamente e adequadas a receber alunos com deficiência.

A desarticulação entre o trabalho pedagógico e suas diretrizes é um problema que deve ser repensado, pois de fato algumas instituições de ensino não estão preparadas estruturalmente e pedagogicamente para receber alunos com paralisia cerebral, ou seja, os professores estão despreparados e exigem incentivos para ter uma formação continuada de qualidade, porém quando é oferecido cursos, palestras não abordam conteúdos que supram as necessidades encontradas nas escolas e muito menos favorecem ao trabalho cotidiano do professor de Educação Física em lidar com alunos com paralisia cerebral. (MENDES e PÁDUA, 2010).

De acordo com Melo e Finck (2008),

O professor é sem dúvida quem mais influencia na qualidade da escola, sendo o agente mais importante, para tanto deve dominar e mediar os saberes, possibilitando acesso aos alunos de forma organizada e sistematizada, a partir da seleção de conteúdos planejados, movidos por uma intenção social, política, histórica e cultural. (Melo e Finck, 2012, p.2 *apud* Paraná, 2008).

Portanto, o professor é o centro do processo de ensino ele é o orientador que define o melhor caminho para que o aluno entenda a respeitar as diferenças das pessoas e assim quando a escola não dá nenhum apoio ao seu trabalho acaba tornando uma situação difícil lidar com a inclusão, pois os alunos com deficiência são recepcionados pela escola, porém o professor não está preparado para recebê-

los porque não teve nenhum respaldo necessário para que isso aconteça e além alguns professores não se identificam em trabalhar com alunos com deficiência e não buscam por informações, eles simplesmente recebem os alunos e não realizam nenhuma atividade que possa colaborar para a integração com o restante da turma, ou seja, o professor realmente “exclui” esses alunos onde ocorre a negligencia recebendo-os de forma inadequada. (CRUZ e FERREIRA, 2005).

A Lei de Diretrizes e Bases em seu artigo 59 estabelece que os professores devam ter especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para integração desses educandos nas classes comuns. (BRASIL, 2010, p.44).

Como descrito, a Lei promulga que os professores devem ter capacitação e especialização para trabalhar com alunos com deficiência, porém a realidade está aquém das linhas que são detalhadamente esculpidas naquilo que é esperado no processo de inclusão, pois a mesma lei que impõe, dá o direito não estabelece uma qualidade de preparação aos professores que se dizem inaptos ou incapazes de lidar com a situação.

Por sua vez a Educação Física adaptada a alunos com paralisia cerebral deve também passar por grandes mudanças para que realmente ela possa contribuir no desenvolvimento do aluno, pois conforme Tafner e Fischer (2003):

O indivíduo com Necessidades Educativas Especiais, quando estimulado e encorajado e aceito no âmbito social em que participa, certamente, consegue atingir resultados progressivos durante o processo de ensino-aprendizagem. Para estimular, faz-se necessário conhecer a deficiência, garantindo assim sucesso em sua trajetória vigente e futura. (Tafner e Fischer, 2003, p.1).

Por isso, é importante que se tenha uma mudança no sistema educacional de ensino para alunos com necessidades educativas especiais, pois os professores, a escola e a própria família ainda não estão preparados para recebê-los no ambiente escolar conforme dito na Lei de Diretrizes e Bases (1996), porém vários fatores podem contribuir para que isso aconteça como por exemplo, a falta de materiais adaptados ou a falta de capacitação profissional, porém, até então, ninguém fez nada para mudar essa situação, vivemos muito na ilusão de que receitas prontas irão cair do céu enquanto isso ficamos de braços cruzados.

Para que a inclusão de alunos com paralisia cerebral seja verdadeiramente realizada é necessário que os professores de Educação Física busquem por

capacitação e orientação não só no ambiente escolar, mas com outros profissionais que possam ajudar em seu trabalho pedagógico e assim garantir que seus alunos possam ser tratados de forma adequada possibilitando uma qualidade de ensino. É evidente que se estima por melhoras através do incentivo da própria escola, porque jogamos a culpa na instituição de ensino ou na própria Lei que obriga, mas não dá qualidade de ensino e infelizmente o que se vê é realmente um “deposito” de crianças com deficiência recepcionadas por professores incapazes de realizar um trabalho adequado muitas vezes por falta de interesse ou por falta de conteúdos, didática, experiência e vivencia.

De acordo com Tafner e Fischer (2003),

Todos os seres humanos tem condições de aprender. O importante é querer. O objetivo do educador frente a esta questão é de convencer e converter seu educando para este aprendizado, mostrando-lhe sua capacidade e habilidade interior de conhecer e aprender. (Tafner e Fischer, 2003, p. 6).

A escola está muito distante de chegar a excelência ao recepcionar crianças com deficiência e proporcionar uma verdadeira inclusão sem que haja discriminação e preconceito por parte de todos que envolve o âmbito escolar, portanto, é necessária uma reestruturação de conceitos e ações dentro e fora da escola.

É importante também ressaltar que a formação inicial dos professores de educação física deve estar articulada a conteúdos sobre a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de Educação Física para poder dar subsídios ao trabalho do futuro profissional com esses alunos. De acordo com Barreto, *et al* (2013), talvez por comodismo ou por falta de informação muitos professores privam seus alunos da pratica da Educação Física com outros alunos ditos “normais”.

Dessa forma é extremamente importante que o professor esteja apto ao trabalho inclusivo de alunos com deficiência tendo base desde sua formação inicial e continuada, bem como o incentivo da escola, da família e da própria comunidade em que a cerca para que ofereça aos alunos uma melhor qualidade de ensino aprendizagem, baseada no ato do respeito à diversidade proporcionando ao aluno o direito de estar participando de aulas que realmente contribua para sua formação enquanto cidadão. Sendo assim, é dever do professor contribuir e participar desse processo para que os alunos com paralisia cerebral não sejam simplesmente

depositados nas aulas de Educação Física sem nenhum conhecimento ou preparo do professor, para tanto a capacitação e a busca por informações são aliadas para garantir o sucesso do trabalho escolar e a inclusão de seus alunos.

3. METODOLOGIA

3.1 Delineamento do Estudo

O presente trabalho trata-se de um estudo de caso com caráter descritivo e específico, conforme Lopes (2006), estudo de caso é um estudo amplo, específico e detalhado de um único caso no qual busca aprofundar o estudo em um único assunto, por isso, com o intuito de registrar, analisar e identificar a formação dos professores de Educação Física e o seu trabalho pedagógico com alunos com paralisia cerebral que foi utilizado esse tipo de pesquisa.

Para ser possível a coleta de dados foi feita uma pesquisa na Secretaria de Educação de Barretos junto à coordenadora da Educação Inclusiva que através dos registros obtidos há três escolas da rede municipal da cidade que atendem alunos com paralisia cerebral dentre elas estão duas escolas municipais de Ensino Fundamental I e uma CEMEI (Centro Educacional Municipal de Ensino Infantil).

A forma de abordagem da pesquisa foi de forma qualitativa para compreender a atuação, dificuldades e formação do professor de Educação Física para trabalhar com alunos com paralisia cerebral.

3.2 População de Estudo

Este estudo limita-se a investigar o trabalho de três professores de Educação Física que lecionam para alunos com paralisia cerebral em três escolas da rede municipal da cidade de Barretos. Elas atendem alunos carentes moradores do bairro e circunvizinhos, o horário de atendimento é das 7:00 as 17:30. Todas as instituições apresentam salas adequadas, refeitórios, banheiros e área livre para os alunos, bem com quadra poliesportiva coberta e materiais esportivos como colchonetes, cones, bolas, corda, entre outros, porém em uma das escolas de Ensino Fundamental I não há quadra poliesportiva para serem realizadas as atividades nas aulas de Educação Física, sendo feitas no pátio da escola.

Para preservar a identidade dos professores utilizaremos o termo P1, P2 e P3 para designar os profissionais focos desta pesquisa.

O professor P1 de 27 anos leciona desde 2102 na cidade de Barretos, em sua formação inicial tratou o tema deficiência em seu trabalho de conclusão de curso que facilitou sua atuação com esses alunos.

O professor P2 tem 33 anos de idade e faz dez anos que leciona aulas de Educação Física é pós-graduado em inclusão, já trabalhou na APAE e em um projeto para alunos com deficiência na cidade de Presidente Prudente. Na sua formação inicial era atleta de alto rendimento na modalidade atletismo chegando até a competir para seleção paulista na época, até então não tinha nenhum conhecimento sobre inclusão no seu currículo acadêmico.

O professor P3 de 36 anos de idade leciona aulas de Educação Física pela rede municipal de Barretos há oito anos, em sua formação inicial o professor teve um estudo superficial a respeito da inclusão e deficiência nas aulas de Educação Física.

3.3 Seleção da Amostra

Para o levantamento de dados foram entrevistados três professores de Educação Física que lecionam em escolas municipais do Ensino Infantil e Fundamental I na cidade de Barretos, sendo abordados pelo fato de trabalharem com alunos com paralisia cerebral que é um aspecto primordial para a investigação da problemática da pesquisa e assim optou-se pela entrevista semiestruturada com gravação direta. De acordo com Ludke e André (1986), uma das grandes vantagens da entrevista é que se estabelece uma interação entre pesquisador e pesquisado, ao contrário de outros métodos. Dessa forma, devido a sua flexibilidade, precisão nas respostas e também possibilitar a observação da expressão corporal dos entrevistados que esse instrumento foi utilizado na pesquisa, dando melhor subsídio para análise da coleta de dados.

3.4 Aspectos Éticos da Pesquisa

Os participantes do estudo foram informados através de um Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido, sobre os procedimentos e objetivos do estudo (Apêndice B).

Os responsáveis pelas Instituições de ensino dentre elas duas escolas de Ensino Fundamental I e uma instituição de Educação Infantil receberam uma cópia do projeto de pesquisa e, assinaram uma Declaração de Ciência Institucional (Apêndice C).

3.5 Instrumento para coleta dos dados

Os instrumentos utilizados no presente estudo foram um gravador de voz e um roteiro de entrevista elaborado antecipadamente que foram escolhidos como meios para coleta de dados para melhor compreender as respostas feitas pelos professores de forma direta a respeito de sua formação inicial e continuada e sobre o trabalho pedagógico realizado com alunos com paralisia cerebral e também observar a expressão corporal e gestual de cada um deles em responder cada pergunta.

A entrevista (Anexo A) foi permeada por doze perguntas dirigidas aos itens descritos acima pelos três professores que lecionam para alunos com paralisia cerebral de acordo com a disponibilidade de cada professor.

3.6 Procedimentos de Estudo

As entrevistas foram realizadas individualmente, dando início no dia 18 de setembro de 2014 na escola de Ensino Fundamental I com a professora (P1) regente da turma do aluno com paralisia cerebral, onde foi feita na própria instituição de ensino no período da manhã. A professora respondeu a todas as perguntas realizadas tranquilamente. A segunda coleta de dados foi realizada no dia 02 de Outubro de 2014 na instituição de ensino também do Ensino Fundamental I com professor regente (P2) que foi extremamente atencioso em sua recepção, bem como ao responder as perguntas realizadas na entrevista e para finalizar foi feita no dia 09 de Outubro a última entrevista com o professor da Educação Infantil, a entrevista aconteceu na quadra poliesportiva da escola que o professor leciona assim pude coletar as informações necessárias para dar continuidade à pesquisa.

Antes de iniciar cada entrevista foi esclarecido aos professores que nenhum momento seria mencionado o nome de qualquer profissional e sobre a liberdade

para não responder alguma pergunta que fosse realizada, conforme o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B). Os professores responderam as perguntas que foram elaboradas com antecedência antes das entrevistas tranquilamente e as respostas obtidas foram gravadas por meio de um gravador de áudio. Segundo Prondanov e Freitas (2013), entrevista constitui em levantamento de dados primários e de grande importância para informação verbal de informantes. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de horário e dia da semana de cada professor, após a coleta de dados, às respostas obtidas foram analisadas com o intuito de verificar a formação inicial e continuada sobre a temática deficiência, bem como o apoio da instituição em relação ao trabalho escolar e sobre a importância da especialização e informação para trabalhar com alunos com paralisia cerebral, no caso o trabalho do professor de Educação Física na sua atuação pedagógica perante alunos com paralisia cerebral e assim consequentemente analisar qual o fator que gera a dificuldade que eles encontram através de suas experiências sejam elas pela formação inicial ou continuada.

As instituições foram visitadas para o esclarecimento da pesquisa (objetivos, metodologias, procedimentos para a realização das entrevistas). Os participantes e os presidentes das instituições já tinham ciência do projeto, visto os que se adequaram aos critérios da pesquisa, deram seu consentimento livre e esclarecido e posteriormente foi encaminhada a Faculdade de Educação Física- FEF para a realização das avaliações.

Dadas as características funcionais e fisiológicas, avalia-se que os dados obtidos não tiveram impacto negativo sobre os participantes, a família, ou meio em que vive. Os dados coletados têm caráter confidencial, com acesso restrito ao pesquisador responsável e ao próprio indivíduo, podendo este retirar seus dados a qualquer momento.

3.7 Tratamento Estatístico

Para análise dos dados obtidos através da entrevista gravada em áudio, as respostas dos professores foram transcritas para um editor de texto licenciado da Microsoft em seguida foi feito um quadro contendo os principais eixos norteadores para compreender o estudo através de categorias no programa Excel licenciado pela Microsoft.

4. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

A apresentação dos dados possibilita uma melhor interpretação das respostas obtidas que foram realizadas através de entrevistas semiestruturadas (Anexo A) com os professores regentes, que trabalham com alunos com paralisia cerebral. O capítulo tem a intenção de apresentar os resultados por meio de três categorias norteadoras.

As entrevistas foram transcritas entrelinhas e a partir das falas mais frequentes dos professores foram criadas categorias, possibilitando uma melhor compreensão dos resultados, sendo distribuídas da seguinte forma: Formação Inicial e Continuada, Problemas de Adequação Curricular e Material e Acessibilidade. Em cada categoria foram destacados itens importantes para contemplar cada uma delas e assim trazendo de forma descritiva as perguntas que foram realizadas para facilitar a análise do quadro e assim foram encontrados os seguintes resultados:

4.1 Formação inicial e continuada

A formação inicial é extremamente importante para o educando, pois é o momento no qual ele adquire conhecimento e através das experiências vividas nessa ocasião que possibilita uma visão da realidade e com isso amplia a formação profissional. Portanto, a formação acadêmica e o conhecimento são suportes para que o docente tenha o primeiro contato com a Educação Inclusiva sendo relevantes para compreensão das dificuldades que os professores encontram ou não em lidar com alunos com deficiência, mais especificamente alunos com paralisia cerebral.

Para verificar a importância da formação inicial e o conhecimento prévio a respeito da temática deficiência os professores ao serem questionados a respeito do assunto quando estavam cursando a faculdade, afirmaram:

(P1) *“Tive uma disciplina Educação Física adaptada e ela pode me ajudar bastante no meu trabalho”.*

(P2) *“Não me lembro de ter tido uma disciplina que realmente contemplasse a temática deficiência. Na minha formação eu era atleta de alto nível e a parte didática da*

faculdade era em voltada para o treinamento de alto rendimento e mais parte burocrática... as atividades até mesmo a recreação era voltada somente para alunos considerados normais”.

(P3) “Olha foram poucas aulas e quase não tivemos com esse tema voltado para educação especial e as que tiveram foram abordadas superficialmente e não deu para me preparar para dar aula e desenvolver meu trabalho”.

Os professores ao serem indagados sobre a formação acadêmica em relação à temática deficiência. Dos três entrevistados somente o professor denominado P1 relatou que na sua formação inicial foi abordada uma disciplina que trabalhava com conteúdos da Educação Física Adaptada que possibilitou o seu primeiro contato com alunos deficientes na Educação Física no seu relato comenta que a mesma lhe ajudou no trabalho com o aluno com paralisia cerebral e também com outros alunos com outro tipo de deficiência, porque a partir de sua vivencia possibilitou ter maior segurança ao receber esses alunos. De acordo com Caldeira (2001), faz-se necessário, no processo de formação, desvelar tais influencias para que o professor construa a capacidade de exercer um controle consciente sobre suas próprias ações, ou seja, é extremamente importante que o professor possa ter esse primeiro contato com o tema inclusão para poder facilitar seu trabalho como profissional dando a ele um suporte para lidar com alunos deficientes.

Por outro lado a formação acadêmica inicial que não aborda a temática deficiência ou aborda de forma superficial não possibilita ao professor uma segurança quando o mesmo recebe um aluno com algum tipo de deficiência.

Segundo Fonseca e Silva (2010),

É importante que essa discussão se inicie no cerne da formação dos licenciados – a Universidade. Mais do que iniciar esse debate, é preciso que essa instituição dê subsídio para que ele se fortaleça e não se finde ao término de quatro anos de formação. (FONSECA E SILVA, 2010).

Neste aspecto os professores que não puderam ter um primeiro contato com alunos deficientes pelo fato da sua formação inicial não trabalhar o tema inclusão e deficiência ou trabalhar de forma sutil não possibilitou aos profissionais uma

bagagem que os auxiliassem nas aulas de Educação Física ao se depararem com alunos de inclusão, sendo necessário procurar outros meios para poder auxiliá-los em seu trabalho escolar.

A formação inicial é a chave para que possamos ter o primeiro acesso para entender como lidar com alunos de inclusão, a partir de conhecimentos teóricos, bem como práticos para propor experiência a respeito do assunto, fazendo com que o profissional adquira segurança e melhor desempenho no papel docente, pois a maioria dos professores infelizmente não possui capacitação ou nenhum preparo pedagógico para lidar com as dificuldades do dia a dia em relação à inclusão.

As faculdades devem oferecer um ensino que possibilite essa ação, pois se considera que a disciplina inclusão é mantida por Lei e deve ser seguida nos currículos institucionais levando em consideração conteúdos que viabilizam o aprendizado dos universitários, no entanto, quando isso não acontece essas instituições de certa forma estão infringindo a lei e abolindo seus alunos ao conhecimento que é parte integrante do currículo educacional. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994) os alunos com deficiência têm o direito de frequentar à escola de ensino regular e juntamente com a LDB (1996) assegura essa questão, portanto, as aulas de Educação Física e seus profissionais devem se adequar conforme a Lei prescrita e assim cabe ao professor propor atividades que façam com que os alunos com deficiência possam participar e interagir com o restante da sala de aula de forma que possibilite um aprendizado de conteúdos importantes para a formação integral desses alunos.

Dessa forma, podemos dizer que é extremamente importante o conhecimento dos professores sobre a deficiência específica do seu aluno, principalmente sobre a contribuição da sua formação inicial e continuada para atender e contribuir no seu trabalho escolar, pois conforme foi dito pelo professor P1 através de uma disciplina no qual foi abordado o tema Educação Física Adaptada ela pode ajudar em seu trabalho, porque a partir do contato e do conhecimento do que é inclusão e como trabalhar com alunos deficientes podemos adquirir segurança no processo de ensino aprendizagem, porém, é necessário que as Universidades estejam cientes de que é importante para a formação de futuros profissionais conteúdos concretos e que realmente contribua no processo acadêmico, visando a experiência e o conhecimento de como realizar a inclusão e respeitar a diversidade de pessoas que podemos encontrar no decorrer de nossa carreira, sendo assim, o maior beneficiado

é o próprio aluno, ou seja, o professor deve valorizar aquilo que o aluno consegue fazer e através disso ele propor estratégias para que ele possa realmente ser incluído nas atividades realizadas nas aulas de Educação Física, portanto, se o professor ter esse discernimento ele irá realizar um aprendizado de qualidade e consequentemente irá contribuir para o desenvolvimento físico, mental e social de seus alunos com deficiência.

Os professores relataram também a necessidade da formação especializada para trabalhar com alunos com deficiência e por isso, todos complementaram a formação inicial com cursos, palestras e até mesmo pós-graduação em inclusão, com intuito de melhorar sua atuação e assim beneficiar o desenvolvimento de seus alunos. Ao perguntar sobre a importância da busca autônoma de formação os professores responderam:

(P1) “Acho muito importante para auxiliar o trabalho, por isso, acredito que deveria ter mais cursos e informações sobre cada deficiência específica, porque assim teremos mais segurança em realizar atividades com esses alunos para que realmente possamos incluí-los nas aulas de Educação Física”.

(P2) “A formação especializada abre a cabeça para novos horizontes e o professor querendo ou não ele tem que procurar melhorar todos os dias”.

(P3) “Acredito que nós professores não podemos ficar esperando que a informação venha de fora nós temos que pesquisar sim, para estudar sobre a deficiência e assim melhorar o nosso desempenho e do aluno”.

A busca pelo saber sempre vai estar presente na vida de qualquer docente, o conhecimento contribui para aprimorar cada dia o trabalho realizado nas aulas de Educação Física e assim fazer com que o professor não pare no tempo e se torne um profissional desatualizado e incapaz, contudo, o conhecimento e a busca pelo saber ampliam o trabalho pedagógico realizado nas escolas, dá mais credibilidade e segurança para o professor possibilitando o seu crescimento profissional, bem como, aprender a lidar e a respeitar a diversidade que temos nas escolas.

A falta de orientação e formação continuada de cursos preparatórios sobre a inclusão de alunos nas salas regulares causa nos professores uma insatisfação, já que a formação inicial da maioria deles não subsidiou para que pudessem ter segurança na aplicabilidade de atividades que visassem realmente à inclusão dos alunos, por isso, para melhorar o trabalho realizado foi necessária a busca por cursos e especialização para atender as demandas desse novo modelo de ensino e assim dar mais segurança aos professores em realizar atividades para os alunos com paralisia cerebral.

Segundo Fonseca e Silva (2010),

Concordamos que os professores devem ser formados para lidar com a diversidade nas escolas – seu local de atuação, e por conta disso, é necessário incentivar a discussão sobre inclusão de forma mais ampla, de modo a abarcar todas as pessoas. (FONSECA e SILVA, 2010).

Assim, podemos verificar como é importante a discussão mais abrangente do tema inclusão nas instituições de ensino, sendo possível uma assimilação real do que se pode ou não ser feito nas atividades realizadas em quadra e contribuir para que o trabalho pedagógico do professor de Educação Física, para que possa promover um ensino aprendizagem de qualidade para alunos com deficiência, ou seja, é através do conhecimento que o profissional, ganha segurança e competência para lidar com os conteúdos do dia a dia que devem ser seguidos, fazendo com que o aluno com paralisia cerebral realmente possa ser incluído e os demais alunos possa compreender e respeitar essa diversidade, sendo que cada um de nós possuímos uma característica e habilidades diferentes.

De acordo com Melo e Finck (2012), o principal mediador das ações pedagógicas é o professor. É ele o agente que contextualiza, organiza, sistematiza e dá significado aos conhecimentos desenvolvidos em sala de aula, portanto, ele é uma das pessoas mais importantes no processo de ensino aprendizagem do aluno, por isso, a busca constante por aperfeiçoamento e por conhecimento autônomo deve ser valorizada, contudo, o que falta é o incentivo das instituições de ensino e da própria secretaria de Educação dar mais oportunidades de acesso a cursos e palestras voltados à deficiência específica que é paralisia cerebral ou até mesmo o apoio de pessoas especializadas para oferecer mais orientação e assim fazer com que o trabalho pedagógico e a didática realizada pelos professores deem mais

credibilidade e segurança em suas decisões, concretizando a inclusão de seus alunos com paralisia cerebral nas aulas de Educação Física.

A formação continuada é extremamente importante para a vida profissional de qualquer professor, pois é com ela que podemos buscar conhecimentos e trocar experiências vividas para o aprimoramento do trabalho escolar, por isso, um dos motivos que falta para melhorar o atendimento de alunos com deficiência nas escolas de ensino regular é o incentivo de cursos e palestras oferecidas por pessoas que entendam do assunto, ou seja, especializadas para ajudar o professor em “saber fazer” o que chamamos de didática pedagógica para realizar atividades que consigam englobar e incluir os alunos nas aulas de Educação Física, mais especificamente, precisamos de pessoas voltadas para a própria área, pois percebe-se a partir das respostas obtidas dos professores entrevistados que não se tem cursos voltados propriamente dita para a Educação Física Adaptada e os poucos que contem tratam o assunto de forma não específica e abrangente contribuindo apenas para adquirir conteúdos e não conhecimento e aprendizagem que ajude o profissional a lidar com alunos com deficiência em suas aulas, gerando assim uma certa insegurança ao enquadrar os conteúdos que devem ser seguidos, porque se trata de uma escola regular no qual deve incluir alunos com deficiência.

O aprimoramento e a pratica são atos para concretizar a chamada Educação Para Todos, porém nada acontece se não existir um trabalho multidisciplinar, no qual é realizada uma avaliação criteriosa do aluno com pessoas especializadas para verificar sua capacidade sobre o domínio de aprendizagem, bem como orientar a pratica do professor.

Entretanto, foi relatado pelos professores que a realidade encontrada nas escolas de ensino regular ainda está em passos lentos daquilo que é esperado perante as Leis que asseguram acessibilidade dos alunos com deficiência, em parte isso pode ser explicado, pelo fato de alguns profissionais estar há anos ministrando a disciplina e de certa forma ocorre uma acomodação em melhorar a sua didática pedagógica em relação aos alunos com deficiência, já que para eles são tratados como alunos problemas e assim prejudicando o desenvolvimento dos alunos com deficiência nas aulas de Educação Física.

Dessa forma, é necessário um trabalho que envolva todo o ambiente escolar para efetivar as tomadas de decisões para melhorar o desenvolvimento do aluno em

relação a parte cognitiva, afetiva e social para que realmente a inclusão seja exercida através do respeito e da equidade de ensino.

4.2 Problemas de Adequação Curricular e Material

A escola é o local onde o aluno deve ser recebido e acolhido com intuito de garantir condições favoráveis para formação integral do cidadão, bem como oferecer recursos necessários para melhorar o trabalho do professor e garantir o desenvolvimento escolar do aluno, favorecendo a capacitação e a formação continuada que também devem estar presentes para orientá-los no processo de ensino aprendizagem dos alunos.

Os professores quando foram indagados sobre a contribuição da instituição de ensino com o trabalho realizado com alunos com paralisia cerebral, responderam da seguinte forma:

(P1) “Não são grandes o suporte que a escola oferece, mas a presença de uma cuidadora facilita muito ela acompanhar e vamos trocando ideias dentro da escola”.

(P2) “Eles me dão todo recurso necessário, tudo o que eu peço eu tenho o respaldo da direção e da coordenação. Aqui na escola por sorte temos uma cuidadora, uma pessoa que gosta muito das atividades de Educação Física e que participa das atividades... onde facilita muito a integração desse aluno com os outros”.

(P3) “Olha, na verdade só fui informado que dentro de uma das turmas que iria dar aula tem um aluno com paralisia cerebral e só”.

Em relação ao preparo pedagógico de cada instituição onde lecionam eles responderam:

(P1) “Acho que tinha que ter mais preparação de todos da escola”.

(P2) “Acredito que está preparada”.

(P3) *“Acredito que falta um pouco, pois ainda esta caminhando a inclusão de alunos dentro da sala de aula no ensino regular, eu acredito que estamos passando por um processo e tem que melhorar muito”.*

Para que o trabalho escolar seja adequado e de qualidade é necessário que todos aqueles que a compõem estejam preparados e capacitados tanto em relação a aspectos pedagógicos quanto estrutural para receber seus alunos, principalmente em relação alunos com deficiência. Essa questão ficou claramente explicitada na entrevista realizada com os professores de Educação Física que lecionam para alunos com paralisia cerebral.

Os professores alegaram que as instituições de ensino não oferecem nenhum curso ou palestra específica na área de Educação Física adaptada gerando uma carência no trabalho pedagógico tanto por parte dos professores em geral, quanto por parte de outros funcionários que compõem a escola. No ponto de vista dos professores seria necessário além do incentivo da formação continuada com o incentivo da própria instituição, na qual eles trabalham com alunos com paralisia cerebral quanto da Secretaria de Educação da cidade de Barretos, ou seja, o que falta é o preparo e a orientação adequada para poder auxiliar não só o trabalho do professor de Educação Física, mas também possibilitar um melhor preparo de toda equipe escolar. Em contrapartida, o professor P2 relata que a instituição em que trabalha está preparada pedagogicamente o que falta é o oferecer mais cursos ou orientação a respeito da deficiência para melhorar o trabalho pedagógico nas aulas de Educação Física.

Os professores entrevistados de Educação Física para desenvolver um trabalho mais coeso e que os ajudassem em suas aulas tiveram que buscar por conta própria cursos e até mesmo pós-graduação sobre inclusão ou Educação Física adaptada, para auxiliar o processo de desenvolvimento e ensino-aprendizagem de seus alunos. Dessa forma conforme Mendes e Pádua (2010), o objetivo da inclusão é possibilitar o acesso, a permanência na escola e o sucesso acadêmico de todos os alunos, mas para que isso realmente aconteça é necessário que a escola esteja preparada para receber esses alunos e também incentivar a todos que a compõem, por isso, que a instituição de ensino acaba falhando em proporcionar aos alunos de inclusão um ensino de qualidade, seja pela falta de

capacitação de professores ou pela falta de pessoas especializadas para orientar o trabalho de todo corpo docente.

Conforme Mendes e Pádua (2010),

A escola de ensino especial persiste em existir. Isso se dá em função de diversos fatores, tais como a necessidade de atendimentos especializados a determinados alunos com deficiência, a presença de alunos com dificuldades de aprendizagem no ensino regular que utilizam das salas de recursos em escolas especiais e a presença de professores especialistas que se capacitam e se formam para atuar com determinado tipo de público. (MENDES E PÁDUA, 2010).

Dessa forma, é extremamente importante que todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar possam ser capacitados e obter um preparo pedagógico para melhor atender os alunos de inclusão e o primeiro passo é fazer com as instituições de ensino tenham condições e se adéquem as exigências necessárias para fornecer aos docentes materiais, orientação e cursos preparatórios com pessoas especializadas de acordo com cada deficiência para promover o desenvolvimento de cada aluno.

Em relação às respostas obtidas nas entrevistas há controversas em relação ao que os professores comentaram, porque eles estão procurando se capacitar não através do incentivo da escola que seria uma das responsáveis em fornecer conhecimento aos profissionais e diante da realidade em relação à inclusão de alunos deficientes nas escolas regulares que eles estão buscando conhecimento e capacitação de forma autônoma e não de forma multidisciplinar.

As escolas estão preparadas estruturalmente para receber os alunos com paralisia cerebral, bem como por terem uma pessoa que media o processo de aprendizado e de materiais, porém não ocorre o principal que é a capacitação do professor para lidar com esses alunos através de cursos e palestras que contribua em aumentar o conhecimento didático dos professores e o desenvolvimento dos alunos nas aulas de Educação Física.

Uma das questões abordadas pelos professores na entrevista foram as dificuldades em realizar atividades que realmente promova a inclusão dos alunos com paralisia cerebral nas aulas de Educação Física, já que eles seguem um cronograma de conteúdos que devem ser ensinados no decorrer do ano letivo. Ao serem indagados eles responderam da seguinte forma:

(P1) *“Tenho dificuldade em relação ao comportamento do aluno nas aulas de Educação Física, pois ele quer a atenção toda para ele e quando ele não quer fazer as atividades junto com as outras crianças”.*

(P2) *“Nós temos todo um conteúdo para passar aos alunos então tem algumas atividades, como por exemplo, hoje temos futebol, como conseguir fazer com que ele participe realmente do futebol e não deixar ele parado... Eu tenho uma dificuldade muito grande e quanto mais os conteúdos se tornam mais complexos é que aparecem mais dificuldades”.*

(P3) *“É complicado pelo fato de estar com uma sala numerosa, acho que se fosse um trabalho mais direcionado específico com o aluno o aproveitamento seria maior e quando você está em uma sala com muitos alunos não é fácil tem que chamar a atenção toda hora e eles não param quietos e ele também entra na onda dos outros”.*

Com os relatos dos professores percebemos que também existem algumas dificuldades para efetivar o trabalho de inclusão dos alunos com paralisia cerebral nas aulas de Educação Física, dentre eles destacam: o comportamento do aluno, a escolha por atividades que realmente o incluam, a participação, a quantidade de alunos e a falta de preparo pedagógico em lidar com o aluno com paralisia cerebral. Esses fatores geradores foram apontados como principais dificuldades dos professores em lidar com os alunos com paralisia cerebral, sabemos que a inclusão é um dever da escola, que perante a Lei deve além de oferecer estrutura física e materiais necessários para recebê-los, deve também dar condições para que o professor possa realizar seu trabalho de forma coerente que possa contribuir para o desenvolvimento do aluno não só nas aulas de Educação Física, mas também, nas salas regulares fazendo com que o restante dos alunos possam aprender a respeitar e a incluir esse aluno no ambiente escolar de forma acolhedora.

Para auxiliar o andamento das aulas de Educação Física os alunos com paralisia cerebral são acompanhados por uma cuidadora pelo fato de

comprometimento motor que os alunos possuem e também para mediar o trabalho pedagógico do professor em sala de aula elas realizam as atividades junto com eles.

Conforme Tafner e Fisher (2003),

Sujeitos com quadro moderado apresentam dificuldades na locomoção, sendo necessário suporte material e ou humano. A motricidade fina é limitada, executando atividades sem domínio do freio inibitório. Utiliza palavras - frases na comunicação verbal. Nas atividades da vida diária, necessitam a manutenção e assistência. Os aspectos cognitivos limitados parecem dificultar o desempenho escolar. (TAFNER e FISHER, 2003).

Porém, a presença dessa pessoa pode comprometer o rendimento dos alunos nas atividades realizadas pelo fato do contato que eles já possuem, com o afeto eles não se focam na aula dispersando da proposta do professor, mas por outro lado, o professor não consegue dar continuidade na aula para o restante da sala se essa pessoa não existisse, e assim o que está em andamento é a presença e permanência das cuidadoras nas aulas de Educação Física, sendo que o professor deve pensar e oferecer propostas didáticas que os alunos consigam se prender e participar das aulas.

A escolha de atividades deve estar adequada com o planejamento que o professor realiza embasado no Projeto Político Pedagógico da escola ou pelos Parâmetros Curriculares que apresentam conteúdos que devem ser abordados no decorrer do ano letivo conforme foi relatado pelo professor P2, pensar em como incluir esses alunos e buscar atividades que possam contribuir para o seu desenvolvimento é um trabalho árduo que necessita de auxílio e orientação tanto na parte pedagógica como na parte especializada por outros profissionais, pois conforme ainda Tafner e Fisher (2003),

Em muitos casos de Paralisia Cerebral, há limitação intelectual em graus variáveis, e a maioria dos que apresentam inteligência normal, tem dificuldades na vida acadêmica. No entanto, em função de fatores biológicos (processo de maturação do Sistema Nervoso), fatores ambientais e circunstanciais (estimulação e recursos), certas características decorrentes da condição física limitadora, podem se modificar. (TAFNER e FISHER, 2003).

Dessa forma, podemos entender a dificuldade do professor de Educação Física em realizar atividades que consigam em todos os conteúdos propostos para o ano letivo, dar conta de incluir de forma efetiva os alunos com paralisia cerebral e ainda proporcionar o desenvolvimento de competências e habilidade do restante da sala, portanto, o aluno está inserido na escola regular e o professor tem a consciência de que é preciso proporcionar a eles atividades que contribuam para o seu desenvolvimento escolar, mas para que isso aconteça é necessário o amadurecimento e uma maior informação e orientação aos profissionais que integram a instituição escolar para que realmente a inclusão seja realizada de forma eficaz e promissora.

É importante para o desenvolvimento motor, afetivo, cognitivo e social do aluno com paralisia cerebral participar das atividades nas aulas de Educação Física, pois é nelas que eles podem ter mais contato com o outro, sentir, tocar e vivenciar experiências que às vezes não são percebidas dentro da sala de aula, porém nem sempre essa participação acontece. De acordo com o professor P1 o aluno com paralisia cerebral dificulta a pratica de algumas atividades por querer a atenção somente para ele se esquecendo do restante da sala, ou seja, ele mesmo se exclui do restante dos alunos e assim o professor deve entender que é necessário realizar atividades que ele consiga compreender que é importante estar junto aos outros e fazer com que ele se aproxime do restante da sala para que possa se sentir parte dela, contudo, não é fácil para o professor pensar como fazer isso sem nenhuma orientação.

Segundo Tafner e Fisher (2003),

Sabemos que toda criança tem direito de freqüentar uma escola, na qual seja aceita e tratada com respeito e carinho; podendo desenvolver-se de forma integral. Partindo desse princípio, evidenciou-se que isto nem sempre acontece, pois, quando criou-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 para incluir no ensino regular crianças com Necessidades Educativas Especiais, muitos rumores contrários a esta atitude surgiram. Certamente, esta repugnância referente a Lei, foi justamente a falta de conhecimento dos profissionais da área da educação em relação ao trabalho diferenciado que necessitaria desenvolver-se para com estas crianças. (TAFNER e FISHER, 2003).

Portanto, em relação ao preparo e a falta de conhecimento dos professores em construir atividades que realmente possibilitam a inclusão dos alunos com paralisia cerebral deve ser levada em consideração, pois a partir do momento que as instituições de ensino juntamente com a secretaria de Educação tomar frente dessa dificuldade perante o desenvolvimento do trabalho pedagógico dos professores, com o incentivo ao conhecimento específico e informações necessárias através da formação continuada, bem como a realização de um trabalho direcionado para essas crianças possibilitará a inclusão de forma adequada visando o desenvolvimento integral do aluno embasado no respeito e na igualdade para todos.

Podemos concluir que a presença de uma cuidadora pode auxiliar o professor nas aulas de Educação Física se tornando um elo de contato entre o professor e o aluno pelo vínculo que a criança tem com a cuidadora do que com o próprio professor de Educação Física facilitando o aprendizado, porém essa relação pode atrapalhar o desenvolvimento da criança fazendo com que ela se torne extremamente dependente. Outro ponto extremamente importante é a participação de uma equipe pedagógica que ofereça formação continuada para que os professores possam realizar o seu trabalho com mais segurança e competência, ou seja, a falta de adaptação curricular, o domínio de como elaborar atividades que realmente incluam os alunos com paralisia cerebral causa essa discrepância porque o professor não está preparado e não possui nenhum subsídio tanto da parte pedagógica quanto do próprio conhecimento que buscou para lidar com os esses alunos, por isso, não basta ter o conhecimento teórico é necessário saber lidar e saber fazer, isso é ter didática de ensino, sabemos que a inclusão é um assunto extremamente complexo e percebemos que a Educação está em busca de melhorias e que precisa adequar seu currículo, no qual forneça subsídios para incentivar o trabalho do professor, bem como melhorar a qualidade de ensino que é oferecido para alunos com deficiência, mas para isso é necessário um trabalho multidisciplinar, porque o maior beneficiado com tudo isso será sem dúvida o próprio aluno.

4.3 Acessibilidade

Uma das questões levantadas durante as entrevistas com os professores foi a respeito das necessidades de algumas mudanças para contemplar o trabalho de

inclusão nas escolas e principalmente ajudá-los no trabalho desenvolvido com os alunos com paralisia cerebral.

Ao perguntar sobre as necessidades que eles encontram para realizar um trabalho mais direcionado e com qualidade eles alegaram que:

(P1) *“É muito difícil à secretaria oferecer cursos específicos voltados para a Educação Física. É importante também termos certeza do diagnóstico correto do aluno para saber o que o eu posso ou não trabalhar com ele”.*

(P2) *“Seria necessário algum especialista nos orientar ou dar informações para realizar atividades com esse aluno”.*

(P3) *“Infelizmente é muito carente nessa parte de cursos e orientações por conta da instituição e até mesmo da secretaria”.*

Conforme o relato feito pelos professores entrevistados um dos problemas enfrentados no dia a dia na escola é a falta de conhecimento sobre a deficiência de seus alunos, ou seja, há um despreparo dos docentes em realizar atividades que realmente os inclua pela falta de informação e do próprio conhecimento do que fazer com esse aluno nas aulas de Educação Física. É eminente para poder dominar um assunto devemos ter algo para nos espelhar, o que chamamos de conhecimento e experiência, porém o que foi relatado pelos docentes que lecionam aulas para alunos com paralisia cerebral é a falta de cursos e palestras voltadas para a Educação Física Adaptada, o apoio da escola e da secretaria de ensino da cidade, bem como o apoio de pessoas especializadas para incentivar o trabalho realizado com esses alunos e são aspectos que necessitam ser mudados.

Segundo Mendes e Pádua (2010),

No entanto, apesar das legislações e propostas relativas à inclusão das pessoas com deficiência, inúmeras barreiras dificultam o estabelecimento de políticas na prática cotidiana das escolas brasileiras. Entre essas barreiras, destacamos o despreparo dos profissionais da área de educação para atuar com alunos “problemas” entre eles os deficientes. (MENDES e PÁDUA *apud* BUENO, 2004).

Assim, podemos afirmar que o despreparo dos professores para atuar com alunos com deficiência deve ser algo a se levar em conta, pois para eles não é fácil realizar atividades que vise realmente incluir os alunos com paralisia cerebral, para isso, é necessário ter o conhecimento e a segurança para atuar com esses alunos para que a inclusão realmente aconteça.

Conforme foi relatado pelo professor P1 é necessário que a escola saiba o diagnóstico correto do aluno, com intuito de orientar o trabalho realizado nas aulas de Educação Física e nas salas de aula, ou seja, é importante informar o professor sobre as necessidades do aluno para propor atividades que contribua de forma real em seu desenvolvimento e assim possibilitar sua inclusão com o restante da sala, por isso, a cumplicidade entre as pessoas nesse processo é extremamente importante, principalmente pelos especialistas incluindo médicos, fisioterapeutas, psicólogos, docentes e toda equipe escolar para estarem juntos nessa proposta que não é fácil, sendo necessário o apoio e o comprometimento para que os alunos com paralisia cerebral possam estar inseridos em um ambiente que ofereça oportunidades para seu desenvolvimento físico, mental e social.

O diagnóstico é o primeiro passo para que possamos saber qual deficiência e qual o grau de comprometimento que a criança apresenta, para tanto conforme foi relatado essa falta de informação gera receio nos professores em elaborar atividades que não irá comprometer a saúde física e psicológica do aluno porque ele também tem que zelar pelo bem estar de todos e a partir do momento que o professor possui essa informação conseqüentemente ele terá mais segurança em elaborar atividades que vise realmente a inclusão dos alunos, portanto, a atuação pedagógica do professor deve estar permeada pelo apoio de uma equipe que ofereça projetos voltados para o assunto e também discussões a respeito do trabalho que está sendo realizado na escola para melhorar o atendimento e a qualidade de ensino para todos visando o respeito a diversidade.

As dificuldades pedagógicas dos professores de Educação Física em relação à questão da paralisia cerebral são evidentes através das respostas que eles relataram e toda essa dificuldade está permeada pelo despreparo tanto de conhecimento teórico não só em relação às instituições de ensino, mas também por outros estabelecimentos que não tratam o assunto de forma concreta e coerente com a realidade dos profissionais, principalmente na área de Educação Física, pois a cada dia percebemos que os professores estão lidando com a inclusão ou

digamos com a exclusão dos alunos com deficiência de forma substancial e sem nenhum argumento capaz de notar a evolução desses alunos no processo de aprendizado, pois nem mesmo os próprios docentes são capazes de explicar como o seu trabalho está contribuindo para o desenvolvimento de seus alunos, bem como a inclusão dos alunos com paralisia cerebral, no qual o maior prejudicado é o próprio aluno por essa falta de preparo dos profissionais que compõe o ambiente escolar.

Quadro 1 – Categorias encontradas após as entrevistas com os professores de Educação Física

Formação Inicial e Continuada	<ul style="list-style-type: none"> - “poucas aulas sobre a temática deficiência” - “conteúdos tratados de forma superficiais” - “não tive nenhuma disciplina que contemplasse sobre deficiência” - “nenhum conhecimento na formação inicial a respeito da inclusão” - “nenhum contato com alunos com deficiência” - “Importante para o trabalho escolar” - “mais cursos voltados para a deficiência específica” - “gera maior segurança com o aluno de inclusão” - “aprimoração continua para subsidiar o trabalho dentro da escola” - “amplia o conhecimento a respeito do assunto inclusão” - “melhora a didática com o aluno e com o restante da sala” - “faz com que o professor se capacite” - “gera maior competência em lidar com alunos de inclusão”
	<ul style="list-style-type: none"> - “estrutura adequada para atender os alunos de inclusão” - “dar formação continuada para os professores para melhorar o trabalho pedagógico”

<p>Problemas de Adequação Curricular e de Material</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “maior orientação sobre como lidar com o aluno com paralisia cerebral através de cursos ou palestras” - “maior preparo pedagógico em relação a didática para trabalhar com alunos com deficiência” - “mais cursos e palestras voltados para a Educação Física Inclusiva” - “clareza no diagnostico do aluno com paralisia cerebral” - “mais apoio de pessoas especializadas para ajudar no trabalho escolar” - “mais apoio da escola e da secretaria de ensino sobre a formação continuada” - “a falta de informação sobre a inclusão do aluno”
<p>Acessibilidade</p>	<ul style="list-style-type: none"> - “a participação do aluno com paralisia cerebral em todas as aulas” - “a escolha de atividade que inclua realmente o aluno com paralisia cerebral nas aulas de Educação Física” - “comportamento do aluno nas aulas de Educação Física” - “a sala numerosa dificulta o aproveitamento do aluno com paralisia cerebral”

5. CONCLUSÕES

O objetivo deste trabalho foi investigar a relação existente entre a formação profissional e dificuldades pedagógicas frente à questão da paralisia cerebral nas aulas de Educação Física escolar em três escolas da rede municipal da cidade de Barretos. Após as entrevistas realizadas com os professores de Educação Física que lecionam para alunos com paralisia cerebral foi verificado alguns fatores que contribuíram para a realização da pesquisa.

Os principais resultados foram que dois dos professores não tiveram em sua formação inicial uma disciplina que contemplasse de forma eficaz a educação física inclusiva e que contribuísse para o seu trabalho na escola, sendo necessária a busca autônoma por conhecimento. A falta de incentivo das instituições de ensino também foi apontada pelos professores pelo fato de não contribuir para a formação continuada, pois se os docentes tivessem esse apoio para subsidiar o trabalho pedagógico nas aulas de Educação Física, talvez eles não tivessem tanta dificuldade em realizar atividades que realmente incluísse esses alunos durante o decorrer do ano letivo, ou seja, se não há cursos e palestras voltadas para a área da Educação Física e também pessoas especializadas para informar sobre como lidar com esses alunos, os professores ficam limitados ao conhecimento dentro da própria escola e assim eles buscam contemplar essa questão através de cursos fora da instituição de ensino que trabalham.

Apesar da iniciativa dos professores em construir um conhecimento que também deveria ser fornecido pela rede educacional da cidade os professores ainda sentem que o processo de inclusão ainda está em evolução, necessitando de vários reajustes tanto na parte pedagógica, quanto na parte de apoio acadêmico.

Para que o trabalho do professor não seja contido como algo fora do contexto do que se pede perante a lei, seria importante conter mais estudos e propostas didáticas pedagógicas voltadas para a área da Educação Física Adaptada ou Inclusiva, com intuito de ampliar as demandas de atividades para alunos com paralisia cerebral, por isso, a formação inicial também deve ser repensada, pois esse é o momento oportuno para vivenciar e adquirir

conhecimentos importantes para prática pedagógica do professor ao se deparar com alunos de inclusão.

A falta de referência também é motivo que causa essa discrepância na hora de realizar aulas que realmente incluam os alunos com paralisia cerebral, pois como foi relatado por um dos professores a partir do momento que os conteúdos precisam ser aprofundados acontece a dificuldade para escolher uma determinada atividade dentro de um conhecimento específico a ser trabalhado que possibilite a participação do aluno em determinada aula, mesmo assim, os alunos estão sendo inseridos nas atividades, porém não é em todas as aulas que participam, no entanto, não se encerra aqui o caminho que ainda será percorrido durante os próximos anos em relação à inclusão não somente de alunos com paralisia cerebral, mas também como um todo, podemos dizer que estamos engatinhando para um futuro promissor, mas para isso será necessária a conscientização e ampliação de sistemas capazes de atender as demandas para melhorar o atendimento desses alunos nas escolas de ensino regular.

Dessa forma, para dar continuidade ao tema estudado será necessária uma investigação às instituições de ensino superior, bem como as próprias escolas municipais para verificar a qualidade dos conteúdos que estão sendo trabalhados a respeito da inclusão e assim ter um maior esclarecimento sobre as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar, principalmente em relação à Educação Física Adaptada para realizar um ensino aprendizagem que contemple a formação integral, propondo meios para sua atuação com metodologias adaptadas ou até mesmo exemplos de atividades que contribuam para esse processo, através de projetos sobre a inclusão dos alunos com deficiência no ensino regular e o trabalho do professor no qual possa garantir sua ação pedagógica com mais segurança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARRETO, Michelle Aline. et al. **A preparação do profissional de Educação Física para a inclusão de alunos com deficiência.** PODIUM: Sport Leisure and Tourism Review, São Paulo, v. 2, n.1, p.152-167, jan./jun. 2013.
2. BRACCIALLI, Lígia Maria Presumido. *et al.* **Contribuição de um programa de jogos e brincadeiras adaptados para estimulação de habilidades motoras em alunos com deficiência física.** GT: Educação Especial, n.15. 2004.
3. BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.
4. CRUZ, Gilmar de Carvalho; FERREIRA, Júlio Romero. **Processo de informação continuada de professores de Educação Física em contexto educacional inclusivo.** Revista Brasileira de Educação Física. Esp., São Paulo, v. 19, n. 2, p. 163-180, abr./jun.2005.
5. Declaração de Salamanca. **Sobre Princípios, Práticas na área das Necessidades Educativas Especiais.** 1994
6. FONSECA, Michele Pereira de Souza; SILVA, Ana Patrícia. **Pesquisando a temática inclusão na formação inicial de professores de Educação Física.** Revista Digital. Buenos Aires, ano 14, n.141, fev. 2010.
7. **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, LDB.** Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados, 5ª edição, Brasília, 2010.
8. LEITE, Jaqueline Maria Resende Silveira; PRADO, Gilmar Fernandes do Prado. **Paralisia Cerebral Aspectos Terapêuticos e Clínicos.** Neurociências, São Paulo, p. 41-45, 2004.
9. LOPES, Jorge. **O fazer do trabalho científico em ciências sociais aplicadas.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2006.
10. LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 99p, 1986.
11. MANCINI, M.C. *et al.* **Gravidade da Paralisia Cerebral e Desempenho Funcional.** Revista Brasileira de Fisioterapia, Belo Horizonte, v.8, n.3, p. 253-260, set./jul., 2004.
12. MELO, Francisco Ricardo Lins Vieira; MARTINS, Lucia de Araújo Ramos Martins. **Acolhendo e atuando com alunos que apresentam paralisia cerebral na classe regular: a organização da escola.** Revista de Educação Especial. 2007.
13. MELO, Luiz Gonzaga; FINCK, Silvia Cristina Madrid. **Formação Docente e Prática Pedagógica dos Professores de Educação Física: uma análise das**

relações no contexto escolar. IX ANPED Sul, Seminário do Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012.

14.MENDES, Marcelo de Melo; PÁDUA, Karla Cunha. **Influência da formação na prática de professores de Educação Física que atuam com alunos com deficiência: um estudo no sistema de ensino especial.** ano 13, n.16, p.13-39, dezembro, 2010.

15.PRONDANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ermani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

16.ROTTA, Newra Tellechea. **Paralisia cerebral, novas perspectivas terapêuticas.** Jornal de pediatria, vol. 78, Sulp.1, 2002.

17.SANCHES, Isabel. **Saudosismo dos anos setenta ou arrogância da ignorância? O projecto de Decreto-lei de Educação Especial.** Revista Lusófana de Educação, v.10, p. 157-163, 2007.

18.TAFNER, Malcon Anderson; FISCHER, Julianne. **Paralisia cerebral e Aprendizagem: um estudo de caso inserido no ensino regular.** 2003. p. 1-15. Tese (pós-graduação) – Psicopedagogia, Instituto Catarinense, 2003.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (alunos)	55
Apêndice B -	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (professores).....	57
Apêndice C -	Termo de Ciência da Instituição.....	59

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (alunos)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Será garantido o sigilo total da identidade de todos os pesquisados envolvidos neste estudo, lhe assegurando (a) que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o documento de consentimento de sua participação, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma, bem como se ficar constrangido em responder alguma das perguntas feitas na entrevista terá todo direito de não respondê-la. Em caso de dúvida você pode entrar em contato pessoalmente com a estudante Fernanda da Silva Santos através do e-mail: fer_btos_@hotmail.com, por telefone: (17) 3322-5082/ (17)985174161 ou procurar a Secretaria de Graduação a Distância da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília pelo telefone (61)3107-2544.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Deficiência Física e formação de professores: um estudo sobre paralisia cerebral e as barreiras educacionais do professor de Educação Física

Orientador: Janaina Araújo Teixeira Santos

Descrição da pesquisa: A pesquisa trata da formação inicial e continuada do professor de Educação Física sobre a temática deficiência, com intuito de verificar o trabalho realizado com alunos com paralisia cerebral, bem como se a escola e os próprios professores estão preparados para recebê-los, dando-lhe suporte pedagógico e espaço físico adequado necessário para o desenvolvimento escolar do

aluno, principalmente em relação às aulas de Educação Física sendo uma disciplina que mais contribui para a formação nos aspectos psicomotor, social e afetivo.

Observações importantes:

A sua participação ocorrerá através de uma tarefa de autorizar a observação de seu filho nas aulas de Educação Física, com intuito de verificar o trabalho pedagógico do professor em relação a temática deficiência, bem como, entender o processo de desenvolvimento do aluno com paralisia cerebral nas aulas de Educação Física pela qual os dados serão coletados através de entrevista semiestruturada com o professor de Educação Física regente da turma. A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral daquele que será sujeito da pesquisa. Não será fornecido nenhum auxílio financeiro, por parte dos pesquisadores, seja para transporte ou gastos de qualquer outra natureza. A coleta de dados deverá ser autorizada e poderá ser acompanhada por terceiros. O resultado obtido com os dados coletados serão sistematizados e posteriormente divulgados na forma de um Trabalho de Conclusão de Curso, que será apresentada em sessão pública de avaliação e disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital da UnB. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-2544.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (professores)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Será garantido o sigilo total da identidade de todos os pesquisados envolvidos neste estudo, lhe assegurando (a) que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o documento de consentimento de sua participação, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma, bem como se ficar constrangido em responder alguma das perguntas feitas na entrevista terá todo direito de não respondê-la. Em caso de dúvida você pode entrar em contato pessoalmente com o estudante Fernanda da Silva Santos através do e-mail: fer_btos_@hotmail.com, por telefone: (17) 3322-5082/ (17)985174161 ou procurar a Secretaria de Graduação a Distância da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília pelo telefone (61)3107-2544.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Física e formação de professores: um estudo sobre paralisia cerebral e as barreiras educacionais do professor de Educação Física

Orientador: Janaina Araújo Teixeira Santos

Descrição da pesquisa: A pesquisa trata da formação inicial e continuada do professor de Educação Física sobre a temática deficiência, com intuito de verificar o trabalho realizado com alunos com paralisia cerebral, bem como se a escola e os próprios professores estão preparados para recebê-los, dando-lhe suporte pedagógico e espaço físico adequado necessário para o desenvolvimento escolar do

aluno, principalmente em relação às aulas de Educação Física sendo uma disciplina que mais contribui para a formação nos aspectos psicomotor, social e afetivo.

Observações importantes:

A sua participação ocorrerá através de uma tarefa que será responder algumas perguntas sobre sua formação em relação à temática deficiência e como o seu trabalho está sendo desenvolvido com aluno com paralisia cerebral pela qual os dados serão coletados através de entrevista semiestruturada que será gravada em áudio para análise das respostas coletadas. A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral daquele que será sujeito da pesquisa. Não será fornecido nenhum auxílio financeiro, por parte dos pesquisadores, seja para transporte ou gastos de qualquer outra natureza. A coleta de dados deverá ser autorizada e poderá ser acompanhada por terceiros. O resultado obtido com os dados coletados serão sistematizados e posteriormente divulgados na forma de um Trabalho de Conclusão de Curso, que será apresentada em sessão pública de avaliação e disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital da UnB. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-2544.

APÊNDICE C – Termo de Ciência da Instituição

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA**

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Será garantido o sigilo total da identidade de todos os pesquisados envolvidos neste estudo, lhe assegurando (a) que seu nome não aparecerá, sendo mantido o mais rigoroso sigilo através da omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo(a). Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine o documento de consentimento de sua participação, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa você não será penalizado de forma alguma, bem como se ficar constrangido em responder alguma das perguntas feitas na entrevista terá todo direito de não respondê-la. Em caso de dúvida você pode entrar em contato pessoalmente com a estudante Fernanda da Silva Santos através do e-mail: fer_btos_@hotmail.com, por telefone: (17) 3322-5082/ (17)985174161 ou procurar a Secretaria de Graduação a Distância da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília pelo telefone (61)3107-2544.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Deficiência Física e formação de professores: um estudo sobre paralisia cerebral e as barreiras educacionais do professor de Educação Física

Orientador: Janaina Araújo Teixeira Santos

Descrição da pesquisa: A pesquisa trata da formação inicial e continuada do professor de Educação Física sobre a temática deficiência, com intuito de verificar o trabalho realizado com alunos com paralisia cerebral, bem como se a escola e os próprios professores estão preparados para recebê-los, dando-lhe suporte pedagógico e espaço físico adequado necessário para o desenvolvimento escolar do

aluno, principalmente em relação às aulas de Educação Física sendo uma disciplina que mais contribui para a formação nos aspectos psicomotor, social e afetivo.

Observações importantes:

A sua participação ocorrerá através de uma tarefa pela qual será necessária a autorização para que possa dar acesso à instituição escolar para que possa coletar alguns dados com o professor regente de Educação Física que está ministrando aulas para um aluno com paralisia cerebral a fim de contribuir para a realização de um trabalho acadêmico no qual os dados serão coletados através de entrevista semiestruturada que será gravada em áudio para análise das respostas coletadas. A pesquisa não envolve riscos à saúde, integridade física ou moral daquele que será sujeito da pesquisa. Não será fornecido nenhum auxílio financeiro, por parte dos pesquisadores, seja para transporte ou gastos de qualquer outra natureza. A coleta de dados deverá ser autorizada e poderá ser acompanhada por terceiros. O resultado obtido com os dados coletados serão sistematizados e posteriormente divulgados na forma de um Trabalho de Conclusão de Curso, que será apresentada em sessão pública de avaliação e disponibilizado para consulta através da Biblioteca Digital da UnB. As dúvidas com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do sujeito da pesquisa podem ser obtidos através do telefone: (61) 3107-2544.

LISTA DE ANEXOS

Anexo A - Roteiro de Entrevista Semiestruturada	62
---	----

ANEXO A – Roteiro de Entrevista Semiestruturada

1. A quanto tempo trabalha lecionando aulas de Educação Física? Você já trabalhou com alunos de inclusão em anos passados? Conte um pouco sobre sua experiência profissional a respeito desse tema.
2. Do que você se lembra sobre o assunto deficiência durante a sua formação inicial?
3. Como a instituição de ensino em que está lecionando contribui para o seu trabalho com o aluno com paralisia cerebral?
4. Como você enxerga o seu trabalho perante o desenvolvimento do aluno?
5. Durante esse tempo que está lecionando aulas para um aluno com paralisia cerebral qual é ou foi a sua maior dificuldade em realizar atividades que incluam realmente seu aluno em suas aulas?
6. Você possui alguma formação especializada para trabalhar com alunos com paralisia cerebral? O que essa formação pode contribuir para o seu trabalho?
7. Que tipo de orientação você recebeu ou receber da instituição de ensino para trabalhar com esse aluno? Ela fornece cursos ou palestras para incentivar o trabalho com o seu aluno em suas aulas?
8. Como você se sente em realizar atividades para os alunos com paralisia cerebral?
9. Qual a sua opinião a respeito da inclusão de alunos deficientes nas escolas regulares?
10. Na sua opinião a escola em que trabalha está preparada pedagogicamente para receber alunos com paralisia cerebral? Por que?

11. O que falta para que seu trabalho seja aprimorado a respeito da inclusão de alunos com paralisia cerebral?

12. O que você acha sobre buscar por informações e entender a respeito da deficiência do seu aluno isso pode influenciar o seu trabalho?